# O PESQUISADOR EM EDUCAÇÃO: UM SER DO INACABAMENTO FRENTE AOS DESAFIOS DA (RE)CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NO PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO

SILVA, Anair Araújo de Freitas[1] - email: anairfs@yahoo.com.br

ATAIDES, Fernanda Barros[2] - email: fernandarv.ataides@gmail.com

SANTOS, Ivana Ferreira dos[3] - email: ivana_iane@yahoo.com.br

FIGUEIRA, Cecília Vicente de Sousa[4] - email: figueira41@yahoo.com.br

CAMPOS, Vanessa Therezinha Bueno[5] - email: vbcampos@terra.com.br

**Modalidade:** Resumo expandido

**Tema gerador:** Cartas freireanas

## RESUMO

Este trabalho objetiva estabelecer um diálogo com as ideias freireanas imbricadas no caminhar do pesquisador iniciante, cuja premissa é de estudar, pesquisar, produzir, criar, construir e reconstruir novos saberes e conhecimentos. Objetivamos estabelecer uma ligação entre os ensinamentos e as reflexões de Paulo Freire para fundamentar este aprendizado.

O texto se estrutura em duas partes. Na primeira analisaremos aspectos relativos ao ato da pesquisa e da ciência, e na segunda parte, algumas considerações quanto ao processo dialógico reflexivo estabelecido entre pesquisadores, tendo como ponto de partida os conselhos abordados no texto *"Carta a um jovem investigador em Educação*" de Antônio Nóvoa (2014).

**Palavras-chave:** Educação; Paulo Freire; Pesquisa científica; Prática dialógica.

[1]Professora efetiva na rede estadual de Itumbiara-GO. Membra do Gepdebs (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Docência na Educação Básica e Superior) do Programa de Pós-Graduação-UFU-MG. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia-MG.

[2]Professora efetiva na rede municipal de Rio Verde- GO. Membra do Gepae (Grupo de Estudos e Pesquisas em Avaliação Educacional) do Programa de Pós- Graduação- UFU-MG. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia- MG.

[3]Professora efetiva na rede municipal de Uberlândia-MG. Membra do Gepdebs (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Docência na Educação Básica e Superior) do Programa de Pós-Graduação-UFU-MG. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – MG.

[4]Servidora efetiva na Prefeitura Municipal de Uberlândia- Membra do Gepdebs (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Docência na Educação Básica e Superior) do Programa de Pós-Graduação-UFU-MG. Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia – MG).

[5]Professora Adjunta da Faculdade de Educação e Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Uberlândia/UFU. Pesquisadora do Gepdebs (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Docência na Educação Básica e Superior) e no Gepepe (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a formação de professores).



https://proceedings.science/p/89646?lang=pt-br **DOI:** 10.17648/paulofreire-2018-89646

## INTRODUÇÃO

Inspiradas em Freire (1996), em um dos apontamentos sobre ensino e pesquisa, compreende-se que é indispensável o ato de estudar como um dos princípios básicos para a realização do processo de produção do conhecimento. O estudo promove a articulação do sujeito ao conteúdo estudado e, desta maneira, o pesquisador iniciante parte da observação, das dúvidas e perguntas, e pela busca constante pelo desconhecido a partir da indagação das questões que se fazem necessário ao movimento da pesquisa, a qual sinaliza caminhos para a descoberta.

Essa temática surgiu a partir de estudos realizados na disciplina Fundamentos da Pesquisa em Educação no curso de mestrado em uma IFES na região sudeste do Brasil em 2017, pelos discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação. Esse estudo foi posteriormente ampliado com as análises reflexivas de um curso promovido pelo Instituto Paulo Freire, “Aprenda a dizer a sua palavra”.

Para tanto, empreendemos uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa. A base teórica é composta por referências trabalhadas na disciplina mencionada, a obra Pedagogia da Autonomia de Freire (1996), e os registros efetivados a partir das interlocuções oriundas da discussões estabelecidas na disciplina e no curso.

Freire mostrou-se em seu percurso de vida, um ser apaixonado pela pesquisa, pois é ela quem permite o diálogo entre o sujeito e o seu processo de aprendizagem, de socialização, de humanização, de construção e reconstrução social. (GADOTTI, 2007). Pretendemos estabelecer a interlocução com as proposições de um processo dialógico e os ensinamentos de Paulo Freire, tendo como referência principal, o livro Pedagogia da Autonomia e outras obras do autor que dialogam com as ideias escritas.

## PESQUISA E CIÊNCIA

Ao falarmos da palavra *pesquisa,* vários significados e ideias podem surgir. De acordo com o dicionário Aurélio (2017), pesquisa é sinônimo de “indagar, investigar, procurar com diligência”. Pela leitura em outros sites e dicionários podemos chegar ao resultado: pesquisa é a realização de várias ações que tem como objetivo final a produção de novos conhecimentos, novas ideias. Pesquisar envolve segundo Freire, apud Gadotti (2007), apropriação da significação de forma profunda, a qual só é possível quando o indivíduo se apropria do que está a estudar ativamente, consciente e questionador, para desta relação estabelecer novas formas de conhecimento.

Gil (2002, p.17) define a pesquisa como sendo “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.” Nesse sentido, a pesquisa vem para buscar respostas ao problema estabelecido no centro de uma investigação, saindo de um ponto, de uma ideia, de uma organização, para chegar em outra. Portanto, pesquisa é ação, intenção de mudança, ou seja, é tarefa do sujeito que se interessa, que dialoga, que cria e recria. (GADOTTI, 2007).

Pesquisar é um processo dialógico, coletivo e colaborativo. Charlot (2006) ressalta que em uma investigação devemos nos pautar por aquilo que ainda não sabemos, pois, ao contrário, fica difícil realizar pesquisa. Além disso, as pesquisas, principalmente na área da Ciências Humanas e Sociais, levam muito tempo para



https://proceedings.science/p/89646?lang=pt-br DOI: 10.17648/paulofreire-2018-89646

serem concluídas, pois são estudos que trabalham na perspectiva de interpretação de dados e de comportamentos de seres humanos. E sabendo da complexidade do ser humano, os resultados e impactos tendem a ser alcançados e percebidos, em geral, a longo prazo, pois são dados que exigem uma interpretação objetiva e subjetiva do(a) pesquisador(a) pautada no rigor teórico-científico, acompanhada de uma observação criteriosa do e no contexto e dos elementos estruturantes da pesquisa.

Pesquisa e ciência são dois conceitos intimamente ligados, tendo na ciência o conhecimento sistematizado e aprofundado sobre algo que vai se aprimorando ao longo da trajetória da vida. Nesse sentido, a procura pelo conhecimento só é possível através da investigação, da análise, da interpretação de fenômenos, acontecimentos, organizada em princípios metodológicos e teóricos.

Portanto, a pesquisa científica como caminho para construção ou reconstrução de conhecimentos, precisa suscitar críticas e dúvidas ao saber científico que se coloca como verdade única e absoluta, em um modelo de ciência positivista. Nessa corrente, toda concepção de realidade parte de métodos das ciências naturais como única possibilidade de conhecimento do real, gerando uma valorização do racionalismo matemático e empirismo experimental como linguagem científica, eliminando o tema das ideias, da imaginação e excluindo o sujeito que produz o saber. É preciso entender a ciência como conhecimento e empreendimento histórico, uma resposta histórica. Afinal, ela se baseia no percurso histórico da vida, por isso se constitui em constante construção e não como algo definido, único, conclusivo. A partir dessa nova visão de ciência Leite (2002) sintetiza a superação e decadência desse modelo positivista.

> Os limites do método tradicional científico foram denunciados pelas particularidades da realidade humana. A complexidade da condição de humanidade não coube nos limites de cientificidade definidos: verdade universal, neutra, única, unicidade das ciências, linguagem matemática para tradução do real. E, muito menos, permitiu o atendimento de uma condição fundamental do procedimento científico: a possibilidade de tratar o fenômeno submetido ao conhecimento científico através da experimentação, controle e repetição do fato em condições iguais e controladas externamente pelo cientista.(LEITE, 2002, p. 152).

Assim, a autora nos faz um alerta quanto aos limites e desafios de produzir conhecimento científico em nossas áreas de atuação. Logo, nos cabem algumas indagações: Para que se pesquisa? Pra quem se pesquisa? Quais os impactos que a pesquisa promove à sociedade? Como vamos desenvolver a pesquisa? O que devemos levar em consideração em nossas pesquisas?

Pesquisadores(as) ao realizarem o trabalho de aprofundamento sobre algo devem considerar a dinamicidade da própria vida, a inconclusão, a incompletude, a incerteza, pois na condição de seres humanos que somos, necessitamos da busca permanente, do aprimoramento e do conhecimento para questionarmos o que já está posto e assim fazermos da pesquisa um processo em desenvolvimento no decorrer da mesma, estabelecendo nossa autoria, defendendo nossas convicções e percebendo que as coisas vão mudando de acordo com o percurso histórico da vida, e dessa forma, é na ação do homem que se produz o conhecimento, que se transforma um contexto, que



https://proceedings.science/p/89646?lang=pt-br DOI: 10.17648/paulofreire-2018-89646

se estabelece uma ciência, uma ideia (FREIRE, 1987). Estabelecendo não como algo definido, conclusivo ou como verdade absoluta, mas como algo que procura suscitar novas ideias, que traga novas indagações e assim motive novas pesquisas, novos estudos.

## O PROCESSO DA DIALOGICIDADE: ideias, caminhos, diálogos, reflexão

Esta parte do estudo, teve origem a partir da leitura do texto "Carta a um jovem investigador em Educação" (NÓVOA, 2014), ao nos oferecer a carta como estímulo ao pesquisador iniciante do curso de pós-graduação. Após a leitura, fizemos uma carta-resposta estabelecendo uma relação de diálogo com o autor, por meio de correspondência eletrônica, numa dinâmica de profícua aprendizagem.

No trajeto de estudo e escrita de um investigador é possível perceber que alguns princípios básicos de sua vida já se fazem presentes, que aqui, podemos resumir a alguns verbos: ler, interpretar, analisar, refletir, contextualizar, concluir, aprender, construir, dialogar, compartilhar, enfim, construir e reconstruir novos ideais, novos saberes. E é isso que a leitura, o diálogo com o outro, a busca, a escrita, a pesquisa, proporcionam a quem se dispõe a percorrer o caminho de uma investigação científica. Podemos associar o processo de pesquisa ao que Freire apud Gadotti (2007) chamou de etapas do método, descrito pela investigação, tematização e problematização, que representam na sequência: a descoberta, a codificação e, por último, a conscientização. No tocante à pesquisa Freire (2016) propõe a construção dos temas geradores, cuja função do investigador/pesquisador

> [...] não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-lo a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão de mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. (FREIRE, 2016, p. 146).

Nesse sentido, não se busca investigar os sujeitos como seres passivos, mas o seu pensamento em relação à realidade, sua percepção e visão de mundo em que se encontram envolvidos, numa perspectiva dialógica. Assim é impossível realizar uma pesquisa com roteiros pré-estabelecidos pelos investigadores que se julgam sujeitos exclusivos da investigação. Corroborando com essa ideia Freire (2016) ressalta que:

> O investigador da temática significativa que, em nome da objetividade científica, transforma o orgânico em inorgânico, o que *está sendo* no que é, o vivo no morto, teme a mudança. Teme a transformação. Vê nesta, que não nega, mas que não quer, não um anúncio de vida, mas um anúncio de morte, de deterioração. Quer conhecer a mudança, não para estimulá-la, para aprofundá-la, mas para freá-la. Mas, ao temer a mudança e ao tentar aprisionar a vida, ao reduzi-la a esquemas rígidos, ao fazer do povo objeto passivo de sua ação investigadora, ao ver na mudança o anúncio da morte, mata a vida e não pode esconder sua marca necrófila. A investigação da temática, repitamos, envolve a investigação do próprio pensar do povo. Pensar que não se dá fora dos homens, nem num homem só, nem no vazio,



https://proceedings.science/p/89646?lang=pt-br DOI: 10.17648/paulofreire-2018-89646

> mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade. (FREIRE, 2016, p. 167).

Salientamos que o diálogo não se coloca como algo finalizado, concluído, mas como algo que possibilita outras ideias e reflexões. E no curso de uma pesquisa não é diferente, pois deve ser encarada como um processo de movimento, de curiosidade epistemológica, de construção permanente e não como algo com início, meio e fim.

Interessa-nos como pesquisadores, assim como afirma Freire (1996), coragem e ousadia para buscar o novo, o que ainda é desconhecido, pois ao contrário, nos deixamos levar pelas influências da acomodação, da prepotência, da inércia e da preguiça de pensar diferente e inovador. Nesse caminhar do investigador é necessário que ele se abra para a mudança, a partir de uma postura dialógica em que a voz seja autêntica e o olhar seja diferente sobre um fato, um conteúdo, um fenômeno e poder ressignificá-lo, tornando-o um novo conhecimento, com significado e utilidade para a sociedade. (GADOTTI, 2007)

O que foi sinalizado acima remete a compreensão de que é necessário que o pesquisador, envolvido no contexto da pesquisa, estabeleça uma relação dialógica com o objeto de estudo e tenha clareza de sua significação e relevância para a vida dos sujeitos. São questionamentos que favorecem a construção de uma pesquisa que realmente tenha consistência teórica e metodológica, além de estar coerente com a realidade. De fato, num processo de investigação, o compromisso não é criar algo mirabolante nem tão pouco uma cura para todos os males. Mas partir de algo que já está posto, reconstruindo, recriando outros conhecimentos que ainda não tinham sido percebidos e observados anteriormente. É a capacidade de ter novos olhares, novas percepções diante de algo que já foi pensado ou representado.

No mesmo pensamento, Pimenta e Ghedin (2010) são enfáticos ao afirmar que é através do estudo das teorias, que refletimos sobre as práticas para dar outros significados, outros sentidos às teorias, portanto, fazer pesquisa não é tarefa fácil, ainda mais se a fizermos para fins meramente burocráticos, acadêmicos ou apenas como cumprimento de uma obrigação discente. Nessa perspectiva, a pesquisa deixa de ser algo dialogicamente construído socialmente, para ser algo produzido mecanicamente, ou seja, uma reprodução de conhecimentos cujo objetivo perde todo sentido de uma pesquisa científica. E esta, por esse motivo, passa a ser algo passageiro, de momento, sem nenhuma validade e utilidade social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pesquisadoras(es) iniciantes, aceitar o desafio de escrever foi mais que um desafio. Foi uma experiência revitalizadora, provocativa e esperançosa, pois nos constituímos nas relações de aprendizagem que estabelecemos a partir da dinâmica dialógica com o objeto de estudo que são materializados pelos problemas que necessitam ser problematizados e, destes, com o modo de organização para a construção do conhecimento que é um percurso de idas, vindas, construção, reconstrução, avanços, recuos, enfim, movimento ininterrupto, crescente e permanente. Nesse sentido reforçamos a importância do diálogo entre os



https://proceedings.science/p/89646?lang=pt-br DOI: 10.17648/paulofreire-2018-89646

pesquisadores, o diálogo com as teorias que fundamentam a pesquisa, a análise das produções finalizadas, como também as conhecer as trajetórias vividas, enfrentadas e vencidas por cada sujeito da história.

Para você, pesquisador iniciante, alguns apontamentos aqui construídos, pautaram-se pela pesquisa e pela relação dialógica de um grupo de professores pesquisadores, que acreditam que a aprendizagem é o resultado de um processo complexo em que o percurso se faz a partir da dúvida, do interesse pelo aprender algo significativo, cuja descoberta leva ao conhecimento de um novo patamar da pesquisa.

Essas constatações nos alertam que é ao longo da pesquisa que muitas ideias vão sendo criadas, dialogadas e escritas. Entendemos que é durante a pesquisa que os conhecimentos vão sendo construídos, desconstruídos e reconstruídos através das experiências vividas. E nesse movimento investigativo, temos a liberdade para escrever e produzir o que poderá fomentar outras ideias, reflexões, indagações, dúvidas, enfim, despertar aos leitores o senso crítico e a busca consciente e criativa.

## REFERÊNCIAS

Dicionário Aurélio on line - Disponível em: ‹https://dicionariodoaurelio.com/pesquisa›. Acesso em: 20 Jun. 2017.

CHARLOT, B. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 7-18, abr. 2006 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 junho de 2017.

FREIRE, P. **Medo e ousadia:** o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes e práticas necessários à prática educativa. 37. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido.** 60ª ed. São Paulo. Editora Paz & Terra. 2016. 286p.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire.** 2. ed. São Paulo: Scipione, 2007. 175 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEITE, S. B. A ciência como produção cultural/material. In: OLIVEIRA, I. B.; de; ALVES, N. (orgs). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas.** Sobre redes de saberes. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, 2 ed, p. 149-157.

NÓVOA, A. **Carta a um jovem investigador em Educação.** Conferência de abertura do XII Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Vila Real, Portugal, 11 de setembro de 2014.

PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (orgs.). **Professor reflexivo no Brasil:** gênese e crítica de um conceito. 6. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.



https://proceedings.science/p/89646?lang=pt-br DOI: 10.17648/paulofreire-2018-89646